

Philippe Humblé*

Tenho hoje o prazer de falar sobre uma comparação entre duas das obras mais influentes que a humanidade já produziu sobre o tema da educação: por uma parte o Émile de Jean-Jacques Rousseau e por outra Some Thoughts Concerning Education, Alguns Pensamentos sobre a Educação, de John Locke. Quero avisar que eu não sou nenhum especialista nem em educação, nem em filosofia e que a minha competência se limita à minha paixão, tanto por Rousseau quanto por Locke. Em encontros como este a gente tem que se conformar, às vezes, com a prata da casa, com o risco de que esta se revele simples ferro. Antes de entrar no assunto gostaria de agradecer à profª Beatriz Cerizara pela sua valiosa ajuda na elaboração deste trabalho.

Espero estar dispensado da tarefa de apresentar ao menos uma das obras que me proponho tratar, o Émile de Rousseau. Todos nós aqui temos uma idéia do seu assunto. Todos nós sabemos que os lugares comuns com os quais as pessoas costumam se referir a este livro não são válidos, dizem que é um livro que prega o laissez-faire, que prega a simples volta à natureza, que é um ataque à civilização, que ele é contra a liberação da mulher, etc... Mas quando

* Professor do Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC.

nos perguntam o que é que ele na verdade diz, nos sentimos forçados a dizer que ele prega o laissez-faire, a volta à natureza, que ataca a civilização e que infelizmente ele defende a mulher submissa. O contraditório Rousseau nos obriga, por nossa vez, a dizer que "l'homme n'est point un", "o homem não é um". Resignemo-nos temporariamente e tentemos compreendê-lo melhor através de um de seus antagonistas: John Locke.

Os Pensamentos sobre a Educação de Locke foram publicados em 1693, 19 anos antes do nascimento de Rousseau, portanto a pergunta de quem influenciou em quem já pode ser decidida a favor do primeiro. Os Pensamentos são, na verdade, uma coletânea de cartas com as quais Locke assistiu um nobre amigo seu, Edward Clarke, of Chipley, Esquire na educação de seu filho. O livro tem umas duzentas páginas, subdivididas em 128 itens; 18 se referem aos cuidados do corpo; 35 às matérias de estudo e o resto à educação espiritual e seus métodos.

No que se refere à primeira parte, a que trata do corpo, Locke discute os assuntos tradicionais como a dieta, o sono, a maneira de vestir a criança e ele dedica, inclusive, páginas à constipação intestinal, que eu posso recomendar a todo mundo.

Um conceito-chave, me parece, que já perpassa nessa primeira parte do livro: é "habit", o "hábito". A criança tem que se acostumar a andar pouco vestida no frio e no calor, e comer pouca carne e pouca fruta. Chama a atenção

o fato do autor se dirigir às mães como as que cuidam dos seus filhos e de aconselhá-las a tratar o filho com menos carinho. Fato pelo qual se deduz que na época de Locke as mães educavam os filhos e que os tratavam com excessiva dureza. Logo surpreende o fato de Locke defender uma educação "as the honest farmers and substancial yeomen", "à ma-neira dos lavradores honestos e dos fazendeiros abastados!"

Isso, certamente, tem relação com o fato de Locke defender a natureza como fonte da sabedoria. Existia uma "fome natural", uma "sede natural", os remédios têm que ser evitados, e diz ele se referindo à roupa: "Deixe a natureza formar o corpo como ela pensa que é melhor". (13)

Segue a parte mais importante do livro: a formação do espírito. Costume, outra vez, é a palavra chave, e a disciplina seu corolário inevitável. Devemos contudo, evitar conclusões apressadas. Locke não é a favor de um regime infante-carcerário, muito pelo contrário. Suas indicações são sempre razoáveis. "O grande princípio, diz ele, e a fecundação de toda virtude e todo valor reside nisto, é que o homem seja capaz de se negar seus próprios desejos e seguir puramente o que a razão dita ser o melhor apesar do apetite pender para o sentido contrário". (27) As crianças têm que ser modeladas desde o princípio para conseguir o que todo cavalheiro deseja para seu filho: "virtude, sabedoria, boas maneiras e estudos". (128)

Como chegar a esse resultado? Sobretudo pelo costume que o exemplo modela. "Somos todos um tipo de cama

leão, diz Locke, e sempre pegamos alguma cor das coisas que estão perto de nós: portanto não deve espantar no caso das crianças, elas que compreendem melhor o que elas vêem do que o que escutam". (52)

O outro método educacional propugnado por Locke é raciocinar. "Talvez causará espanto que eu mencione raciocinar com crianças, diz Locke, e, no entanto, só posso pensar que essa é a verdadeira maneira de tratá-las. Elas o entendem logo que elas entendem a linguagem e, se eu não estiver enganado, elas gostam de ser tratadas como criaturas racionais mais cedo do que se imagina". Por isso, talvez, Locke insiste em evitar os castigos corporais, até hoje tão populares na educação britânica. Em cinco ocasiões ele se ocupa do assunto. Em casos em que a criança mente, por exemplo, os pais teriam que mudar seu comportamento mostrando espanto e, dessa maneira "shame him out it", "envergonhá-lo para fora" (73). Em casos como má vontade no estudo, os pais teriam que achar primeiro um meio para a criança sentir desejo de aprender a matéria.

De modo geral, flexibilidade e respeito mútuo teriam que reger as relações pais-filhos. "Eles não devem ser impedidos de ser crianças, ou de brincar, ou de fazer mal. Qualquer outra liberdade lhe é permitida". (53) Locke aconselha aos pais ter uma relação de amigos com seus filhos, de implicá-los nos seus negócios e de abertamente seguir as opiniões dos filhos quando essas parecem ser as mais sensatas. No resto, aconselha Locke, "não se preocupe pelos er

ros das crianças que você sabe que a idade corrigirá" (50). As crianças devem ser castigadas de vez em quando, mas isso preferentemente com movimentos de sobrancelha. Resumindo, Locke diz o seguinte: "Tire a esperança e o medo e terminará a disciplina. Eu garanto que o bom e o mau, recompensa e castigo são os únicos motivos para a criança racional: eles são a espora e as rédeas com as quais toda a humanidade é posta a funcionar e é guiada, e por isso elas devem ser usadas também com as crianças. Porque eu aconselho seus pais e tutores de sempre pensar em que as crianças devem ser tratadas como criaturas racionais". (40)

Outro aspecto que eu achei muito interessante nesta parte é a grande insistência de Locke sobre o caráter particular de cada criança e a necessidade dos educadores se adaptarem ao "temper", temperamento da criança. É mais uma prova da flexibilidade e do caráter razoável das opiniões de Locke. "Não devemos esperar, diz ele, mudar totalmente seus temperamentos originais, sem o tornar alegre, pensativo e grave, nem melancólico, esportivo, nem estragá-los. Deus imprimiu certos caracteres no espírito dos homens que, como más formas, talvez possam ser ligeiramente remendadas, mas podem dificilmente ser totalmente alteradas e transformadas em seu contrário". (47)

Nesta segunda parte temos que falar ainda de um elemento que me parece importante, "breeding", que hoje em dia poderíamos traduzir por "boa educação". A boa educação parece a Locke uma das tarefas fundamentais da educação. É

a arte de se comportar na presença de outros. Para Locke, "apesar dos erros de boa educação serem os primeiros que os outros percebam, eles são os últimos dos quais se ouvirá falar".
(79)

Um considerável número de páginas é consagrado a tudo o que se devia e não deveria fazer em companhia dos outros; uma máxima resolve os problemas: "não se considerar inferior a si próprio, nem considerar os outros inferiores!"
(133)

Essa regra se desdobra em vários preceitos: não interromper os outros na conversação, não desprezá-los, não criticá-los grosseiramente, não ser irônico se você não tem habilidade para isso, não ser exageradamente cerimonioso, etc.

Chegamos assim à última parte das considerações, a que seria para os pais de hoje talvez a principal: o estudo. Locke acha que "é mais difícil conseguir a virtude do que o conhecimento do mundo" (55), ler, escrever e aprender são coisas necessárias, mas não são as coisas principais (142). Isso também não impede que seria bom que a criança aprendesse francês e latim, e isso pelo método direto e sem aprender inutilmente de cor só para exercitar a memória. A aritmética também é útil, a astronomia, a geometria, a história e a ética. Estudar as leis civis também não seria nada mau. Retórica tudo bem, mas sem fazer exercícios de defender arbitrariamente qualquer ponto de vista. O professor teria que lembrar que "não é tanto sua tarefa ensinar tudo

o que se pode saber, e sim educar (a criança) num espírito de amor e de estima ao conhecimento e colocá-la no caminho certo para se conhecer e se melhorar a si mesmo se ele tem inclinação para isso" (187).

O que logo surpreende na leitura desses Pensamentos sobre Educação, menos famosos do que o Émile, é de encontrar no livro de Locke tantas idéias e tantas opiniões que as pessoas geralmente acreditam serem de Rousseau.

Os dois insistem na natureza como fonte de sabedoria; os dois insistem em deixar a criança ser criança e insistem na importância de desenvolver o corpo. Os dois acham importante a criança aprender um ofício manual, mesmo que Locke o veja mais como uma maneira de passar o tempo - visão realista para quem se ocupa da educação de um caválheiro - enquanto que Rousseau vê esse ofício como maneira de se ganhar o pão. Também os dois concordam em dizer que o ensino deve proporcionar às crianças os meios de chegar ao conhecimento e não tanto ao conhecimento em si. O procedimento é, para os dois autores, o exemplo. As coincidências de Rousseau com Locke são verdadeiramente numerosas tomando em conta que Rousseau se apresenta como revolucionário. Com relação a isso é certamente interessante observar que entre a data da publicação dos Pensamentos sobre a Educação (1693) e a do Émile (1761) foi publicado um grande número de escritos sobre a educação, inclusive por alguns grandes nomes: Abbé de Saint-Pierre, la Condamine e Helvétius. E por aí se vê que se tinha, de fato, chegado a certo consenso: mais conta

to com a natureza, menos livros e latim, mais atenção para o desenvolvimento do corpo. Mas não resta dúvida que Locke foi quem mais influenciou em Rousseau. Vejamos agora, como o próprio autor do Émile se refere ao filósofo inglês.

Nominalmente, Locke é citado uma dezena de vezes. Na introdução ao Émile, Rousseau reconhece conhecer a obra de Locke, mas parece subestimar a influência de Locke sobre o Émile. Nas outras ocasiões, das dez, cinco tratam de assuntos corriqueiros, por exemplo: sobre se a criança deve ou não tomar bebidas geladas no verão, sobre o uso de remédios, etc. Em oito das dez ocasiões Rousseau diz não estar de acordo com o mestre inglês. Os pontos de discórdia principais são os seguintes: 1. Raciocinar com as crianças. Rousseau acha que não se deve: "De todas as faculdades do homem, a razão, que, na verdade, é somente um composto de todas as outras, é que se desenvolve mais dificilmente e mais tarde, e é dela que as pessoas querem usar para desenvolver as primeiras (faculdades)" (GF 106).

E no seu inconfundível estilo ele acrescenta: "... seja razoável e não raciocine com seu aluno..." (GF 113). Isso coincide com o que sabemos da filosofia de Rousseau: sua "moral dos sentidos", o contato não mediatizado com a natureza, etc. E na sua vida real lembramos sua briga com os filósofos racionalistas. Rousseau, como se sabe, é viciado em paradoxos. Não espanta, portanto, que no Émile ele esteja raciocinando bastante com seu aluno, por exemplo, na passagem onde ele ensina a esse o que é propriedade, mesmo

que neste caso retrate um tipo de debate post-factum.

Na verdade, sua oposição a Locke não é, neste caso, tão radical. Como todo bom inglês, Locke aceita todo tipo de exceções a sua regra geral. Vejamos as duas passagens seguintes.

No mesmo parágrafo onde Rousseau fala de Locke e do raciocínio encontramos a frase seguinte: "Conhecer o bem e o mal, sentir a razão dos deveres do homem, não é negócio para uma criança" (E 108, GF). Locke, por sua vez, tinha motivado seu preceito de raciocínio da seguinte maneira: "Já que nossas primeiras ações são guiadas mais por amor próprio do que por razão ou reflexão, não é de se espantar que numa criança elas (as ações) sejam particularmente propícias a se desviarem das justas medidas do certo e do errado, que no espírito são o resultado de uma razão melhorada e de uma séria meditação" (p. 101).

Como se vê, Locke não tem ilusões sobre as capacidades de distinção (ou sobre a razão) das crianças. Ele diz simplesmente que as crianças têm essa faculdade desde o momento em que começam a falar e que essa faculdade deve ser usada e desenvolvida propositalmente.

2. Há outra ocasião na qual Rousseau discorda de Locke. Trata-se de uma passagem onde Locke comenta a intenção de um jogo de dados usado para ensinar às crianças a ler. "Pobreza", diz Rousseau, a criança aprenderá facilmente a ler se nela é criado o desejo de aprendê-lo. Mas não era o próprio Locke que havia dito: "Where there is no desi

re there will be no industry", "onde não há desejo, não haverá indústria"?

3. Finalmente, Rousseau declara não estar de acordo com a educação de Locke referente aos espíritos. Com esse termo se indica o mundo não material, quer dizer, a religião. "Locke, diz Rousseau, quer que se comece com o estudo dos espíritos e que se passe depois aos corpos. Esse método é o método da superstição, dos preconceitos, do erro: não é o da razão, nem mesmo da natureza bem ordenada: é tapar os olhos para aprender a enxergar. É preciso ter estudado durante muito tempo os corpos para se ter uma verdadeira noção dos espíritos e suspeitar que eles existem" (333 GF).

Locke na verdade, não quer bem isso. Ele diz o seguinte: devemos falar desde cedo às crianças sobre a existência de Deus como um ser supremo e criador de todas as coisas, mas devemos ficar nisso "por medo - diz ele - de encher a cabeça da criança com noções falsas ou ficar perplexo com noções por ela ininteligíveis" (128). Outra vez, Locke é muito mais matizado do que Rousseau gostaria que ele fosse.

Mas além dessas referências explícitas a Locke, há as implícitas que não são - evidentemente - menos interessantes. Vejo dois itens principais: a questão dos princípios inatos e a questão dos hábitos. Por estes dois pontos de discórdia, talvez se possa chegar a um melhor entendimento do que Rousseau realmente significou na sua época. Por que ele foi perseguido até o final da vida, enquanto Locke

foi adotado como manual nas universidades, quase imediatamente depois de sua morte e sem grandes mudanças políticas. Tudo isso, apesar de Locke e Rousseau terem defendido teorias, em aparência, perfeitamente conciliáveis. Vejamos primeiro, a questão dos "innate principles" dos "princípios inatos".

Base da obra principal de Locke Essay concerning human Understanding, a idéia da negação dos princípios inatos afirma que o feto tenha talvez no útero algumas idéias de calor ou fome, mas que suas idéias provêm basicamente da convivência com os outros homens, na sociedade. Esse é o exemplo de Locke: mesmo idéias simples como "o que é, é" e "é impossível a mesma coisa ser e não ser" não são evidentes para todas as pessoas. Não o são, por exemplo, cito, "para crianças, grande parte dos analfabetos e dos selvagens". Pessoalmente, eu não poderia dizer com certeza se Locke incluía nessa impossibilidade de princípios inatos a consciência. Mas é um fato que Rousseau o entendeu assim. A essa idéia ele tinha que se opor por duas razões: primeiro, se não existem princípios inatos, só há princípios adquiridos; se só há princípios adquiridos, eles foram adquiridos no seio da sociedade e foi a sociedade que criou no homem o que o caracteriza como homem. Em segundo lugar, para Rousseau, é particularmente inaceitável a consciência ser rejeitada como não sendo inata. Ele diz o seguinte: "Há, então, no fundo da alma um princípio inato de justiça e de virtude, sobre o qual, apesar de nossas próprias máximas,

julgamos nossas ações e a dos outros como sendo boas ou más, e é a esse princípio que eu dou o nome de consciência" (GF 340).

Às vezes pode-se perguntar se o livro de Rousseau não é mais um tratado contra a sociedade do que a favor da natureza. Para Rousseau a consciência, base de seu sistema, não pode ser um produto de sociedade. Já no começo do Émile ele tinha declarado: "Forçado a combater a natureza ou as instituições sociais, temos que optar entre fazer um homem ou um cidadão: já que não se pode fazer ao mesmo tempo um e outro" (GF 38).

Não é o caso de Locke que quer encontrar o melhor método de se formar um cidadão. Não é por acaso que ele dedica tantas páginas às "boas maneiras", a como se comportar em sociedade. Seus conselhos não induzem ao servilismo puro e simples e não têm como objetivo um perfeito conformismo. Eles são muito sensatos, mas não incitam à revolução dos costumes. O Émile, como sabemos, não é nem aplicável. E o autor não mostrou grande preocupação com isso.

O último ponto que eu gostaria de comentar se refere ao costume. Nesse particular, Rousseau não ataca nominalmente a Locke, mas está claro que é a ele que Rousseau se refere. O costume, como ficou dito, é umas das peças-chave do mecanismo educacional de Locke. Rousseau, por sua vez, o considera uma das coisas que mais se têm que evitar.

Há 2500 anos, Demócrito de Abdera situou bem o problema: "A natureza e a educação estão próximas uma da ou

tra . Porque a educação transforma o homem, mas por essa transformação ela cria uma segunda natureza". (Máx. 33). Rousseau está empenhado em evitar exatamente isso: criar uma segunda natureza, para não ter que desenvolver a primeira. A diferença que existe entre a primeira natureza e a segunda, seria a educação, é a mesma que existe entre a necessidade e o costume. Falando da alimentação e do sono, Rousseau diz: "rapidamente o desejo não vem mais da necessidade, mas do costume, ou antes, o costume acrescenta uma nova necessidade à da natureza; é isso que se deve evitar" (GF 71). Em outras palavras: os costumes da natureza chamam-se desejos; os outros provêm da sociedade. São portanto, supérfluos e perniciosos. Os costumes estragam as crianças porque as formam segundo o molde da sociedade, porque negam a bondade intrínseca da natureza.

Como concluir essas considerações? Voltaire disse de Locke: "Tantos racionadores tinham feito o romance da alma; veio um sábio que modernamente fez uma história". (Lettres philosophiques). Com esta frase tanto Locke como Rousseau ficam bem caracterizados. O que podemos aplicar do sábio Locke? Tudo ou quase tudo. Do romancista Rousseau? Nada ou muito pouco. Mas como é rica a experiência de ter que justificar por que ele não é aplicável.